

Uma história de amor

(Cristiano Rodrigues Batista)

O fim da tarde tinha as cores do céu de Paris, onde os noivos de Marc Chagall irão pairar eternamente. Algumas poucas pessoas caminhavam na praça. Cada uma com seus devidos horrores, em maior ou menor grau, escondidos.

Felipe não dormira na noite anterior. Gastou esforços na tentativa de evitar olhá-la e no ensaio mental da conversa do dia seguinte. Durante o dia também não conseguiu concentração para seus afazeres.

Quando ele chega à praça, o outro já está lá sentado no banco que dava as costas para a rua. Não pensara em como se dirigir a ele. Por isso estacou diante do homem sentado, por algum tempo, antes de começar a dizer:

- Fui eu quem te ligou.

- É... Eu sei.

Felipe fica na dúvida sobre como dar seguimento aos trabalhos, se pergunta ao outro se pode sentar-se ou se senta sem dizer nada. Durante a fração de segundo ocupada por essas dúvidas, também se pergunta qual distância manterá do outro ao ocupar o banco.

Acaba decidindo por sentar-se, mantendo cerca de um metro do outro, sem nada dizer. Ainda permanece calado por algum tempo, pensando por onde começar. Também pensou sobre o fato de sempre ensaiar para conversas importantes, mas de nada adiantar. Nunca sabia como começar.

- Vocês se vêem na hora do almoço?

- Sim.

(...)

- Se vocês continuarem juntos, vou pedir a separação...

Eu também tive muitas aventuras, e sei que uma coisa é certa: depois da separação, tudo vai mudar...

Principalmente para você.

(...)

O outro arqueia as sobrancelhas enquanto pensa numa imensidade de coisas ao mesmo tempo.

Felipe também pensa num emaranhado de coisas, inclusive no sabonete que carrega na algibeira. Antes da conversa, passou no mercado para comprar um, o sabonete de casa estava derretido. Ao sair dali irá direto para casa banhar-se para diminuir um pouco da oleosidade que o calor provoca em sua pele. A cidade vive tardes de calor insuportável. Quase sorriu ao se lembrar – depois de ver que o outro possuía uma edição de *Ulisses* nas mãos – que Leopold Bloom carregava também um sabonete consigo.

(...)

A praça é uma ilha urbana. Rodeada por um trânsito pesado e prédios de decisões importantes, possui uma fisionomia agônica e representa uma realidade bastante artificial, como tudo naquela capital – construída para abrigar pessoas que ocupem os papéis já consagrados ao longo da história humana.

Enquanto o barulho de buzinas desconcentrava os dois, Felipe conseguiu sair do transe e se lembrou que precisava terminar aquilo.

(...)

Felipe pigarreou como que para acordar o outro do alheamento provocado pela velocidade urbana.

- Te peço para ir embora...

(...)

Para sempre.

O outro colocou a mão no queixo, sinalizando o seu pensar.

(...)

- Eu irei.

(...)

Após um tempo eternizado em uma dezena de segundos desde que comunicou sua resolução, o outro se levantou e saiu.

Felipe se emocionou. Tirou do bolso, com as mãos trêmulas, o maço de cigarros. Na primeira tragada, sentiu seu corpo desabar ali naquele banco de praça. Não sentiu quando uma lágrima escorreu pela sua face.